

# Os biblioepigramas<sup>1</sup> do livro *Apoforeta*, de Marcial

*Alexandre Agnolon*

**Resumo:** O objetivo do artigo é apresentar tradução poética inédita de quatorze epigramas pertencentes ao livro *Apoforeta*, segundo as edições modernas, o décimo quarto livro de epigramas de Marcial. Os poemas que vertemos constituem um ciclo de epigramas todo ele dedicado aos livros com que, ao longo dos banquetes das Saturnais, os convivas poderiam ser presenteados. “Poemas-cartões” que eram, remetiam, de um lado, à função originária do epigrama como “inscrição”, e, de outro, conforme a subespécie “enigma” da epigramática helenística, convidavam o destinatário do presente a adivinhar o que ganhara, aspecto que se relacionava com o caráter lúdico da festa. Mas também podiam os epigramas do ciclo ser compreendidos como “biblioepigramas”, já que, na brevíssima descrição da obra literária, Marcial tanto fazia as vezes de poeta-filólogo, porque ao tecer juízos poéticos e retóricos assumia discurso crítico, como de poeta-bibliófilo, ao remeter o leitor à materialidade do livro. O livro como objeto indica para o leitor de hoje o matiz helenístico com que o poeta, incorporando a tradição precedente, a julgava e para o público antigo cumpria a função precípua e imediata do mimo que, em virtude das belas encadernações, devia agradar os olhos antes de tudo.

**Palavras-Chave:** Marcial; Saturnais; *Apoforeta*; biblioepigramas; tradução.

*Apoforeta*, termo que em tradução livre significa *Livro das Lembrancinhas*, designa um dos livros de epigramas do poeta latino Marco Valério Marcial, dado a lume em 85 d.C., à época do principado de Domiciano. Trata-se de uma de suas primeiras coletâneas de poemas, muito embora os editores modernos a disponham como o décimo quarto livro da obra epigramática de Marcial. Juntamente com o livrinho precedente, *Xênia* (*O livro dos brindes*), publicado provavelmente no ano anterior, ou talvez em 83 d.C., formava uma espécie de *intermezzo* epigramático

---

1 No termo “biblioepigramas” aplico especificamente ao epigrama o mesmo critério de nomeação que Oliva Neto, com o “bibliotextos”, utiliza para a generalidade dos textos poéticos que tratam do livro e de materiais de escrita; ver Oliva Neto (2011), pp. 177-187.

dedicado às Saturnais, festividade romana que, consagrada ao deus Saturno e celebrada entre os dias 17 e 23 de dezembro, era como um interstício da vida oficial em virtude da suposta suspensão das convenções e hierarquias sociais. Os numerosos banquetes, em que o comer e o beber, bem como a troca de presentes entre os convivas, constituíam parte fundamental dos festejos, simbolizavam o retorno temporário da Idade de Ouro, época mítica de bem-estar e felicidade plenas, em que Saturno reinara soberano. O senso de alegria e felicidade de que se imbuía a festa era, pois, sintomática do caráter propiciatório e apotropaico, principalmente em função da relação do deus Saturno com a sementeira e os trabalhos agrícolas<sup>2</sup>.

É nesse contexto, nessa circunstância de *performance*, se se quiser assim – já que o poeta faz coincidir *pari passu* o tempo da leitura livro e o do transcurso

---

2 Ver Frazer (1982), pp. 201-202: “[...] Essas festas parecem datar de uma época bastante arcaica da história da agricultura, quando as pessoas viviam em pequenas comunidades, cada qual presidida por um rei sagrado ou divino cujo dever principal era assegurar a sucessão bem ordenada das estações, a fertilidade da terra e a fecundidade dos animais e das mulheres.[...] não precisamos ir além dos limites da Itália, onde o divino Rei Saturno – o deus da sementeira e da semente que brota – era anualmente imolado na pessoa de um representante humano durante a antiga festa.”. Ver também Guastella (1992) p. 11: “[...] as fontes romanas do ‘período clássico’ parecem reticentes no que se refere aos contornos ‘sombrios’ desse deus. Se é verdade que esse ‘lado negro’ permanece na base do culto, bem como da concepção romana de Saturno, é também verdade que os textos literários são bastante evasivos acerca desse ponto específico, preferindo, pelo contrário, enfatizar as qualidades positivas do divino benfeitor”. Ver também Macróbio (1. 7. 25): “Com efeito, atribuem-se a Saturno os enxertos dos ramos, o cultivo dos pomares e os princípios de todas as técnicas de plantio dessa espécie. Não é à toa que, quando lhe prestam sacrifícios, os habitantes de Cirene, que acreditam ser Saturno o inventor da apicultura e do cultivo dos frutos, usam guirlandas feitas com figos frescos e presenteiam uns aos outros com bolos. Além disso, os romanos costumam chamá-lo “Estércuto”, pois que teria sido ele o primeiro a estimular a fecundidade dos campos com o uso de esterco”, *Huic deo insertiones surculorum pomorumque educationes et omnium huiusmodi fertilium tribuunt disciplinas. Cyrenenses etiam, cum rem diuinam ei faciunt, ficis recentibus coronantur placentasque mutuo missitant, mellis et fructuum repertorem Saturnum aestimantes. Hunc Romani etiam Stercutum uocant, quod primus stercore fecunditatem agris conparauerit.* Tradução nossa. Em outro passo d’*As Saturnais*, Macróbio (1. 7. 36) conserva os seguintes versos de Lúcio Ácio (170 – 86 a.C.), acerca das origens das Saturnais:

Maxima pars Graium Saturno et maxime Athenae  
 Conficiunt sacra, quae Cronia esse iterantur ab illis,  
 Eumque diem celebrant: per agros urbesque fere omnes  
 Exercent epulis laeti: famulosque procurant  
 Quisque suos, nostrique itidem: et mos traditus illinc  
 Iste, ut cum dominis famuli epulentur ibidem.

Os gregos – sobretudo Atenas – a Saturno  
 dedicam festas: clamam sem cessar as Crônias.  
 Celebram pelos campos todos e cidades!  
 Alegres, em festins, banqueteam-se pagens,  
 senhores, todos juntos: a praxe tomamos  
 deles: donos e escravos juntos no banquete. (Tradução nossa).

da festa –, que se deve compreender o princípio de unidade de *Apoforeta*, que com exceção dos dois primeiros epigramas, extensos e prefaciais, reúne um enorme catálogo de mais de 220 objetos descritos, como livros, tabuinhas de escrever, pinças, cálices, caçarolas, instrumentos para filtrar bebidas, vinhos, mesas, vestes, estatuetas etc. Além do valor poético intrínseco, devido ao extremo apuro e concisão da linguagem epigramática de Marcial, todos os itens listados pelo poeta dão preciosas informações arqueológicas sobre artigos dos banquetes inverniais.

Os poemas que seguem – 14 ao todo – compõem o ciclo temático de *Apoforeta* consagrado aos livros, os biblioepigramas. Ao contrário do que podem parecer, os biblioepigramas não são meras nugae, mas um sofisticado maquinário de poética, e o são por três razões. Primeiro as brevíssimas descrições dos livros arrolados por Marcial, em virtude do contexto festivo, desempenham a função de cartões de presente, o que lhes dá significado em certa medida “semiótico”, pois cada epigrama *no livro* faz as vezes dos verdadeiros cartões que provavelmente existiam *nas festas*. Não temos hoje os cartões, mas na encenação da festa que o livro realiza os poemas-cartões são a sinédoque dos presentes, que, como parte da festa, como “lembranças”, isto é, na condição de índices e signos da festa, por menores que sejam, mantêm com a festividade a mesma relação de sinédoque. Ao ler o livro, participamos das Saturnais, cultuamos o deus: tanto é verdade, que temos em mãos com o livro os *souvenirs* da festividade. Em segundo lugar, se assim é, hoje, *na falta dos verdadeiros cartões*, a encenação poética de Marcial retorna à origem do ἐπίγραμμα grego, bem entendido, a verdadeira “inscrição” que todo epigrama foi, e repete o momento mesmo em que ele se transformou em gênero poético, porque lhe acrescenta mais um suporte físico, que é justo esse fingido “cartão” que acompanha os presentes: se à lápide, se ao ex-voto, se à base de estátuas correspondem, em nível “literário”, as espécies tumular (ἐπιγράμματα ἐπιτύμβια), votiva (ἐπιγράμματα ἀναθηματικά) e efrástica (ἐπιγράμματα ἐκφραστικά) de epigramas, tal como lemos respectivamente nos livros VII, VI e XVI da *Antologia Palatina*, ao pedacinho de papiro, ou o que fosse, correspondem agora as novas espécies epigramáticas “xenia” e “apoforeta”. Na falta dos verdadeiros cartões, o inventor atestado dessas espécies epigramáticas na história da poesia é Marco Valério Marcial. Assumida agora a condição “literária” desses epigramas, eles devem, em terceiro lugar, também ser entendidos já não só como índice material da festa, porém, mais pontualmente, como índice da elegância que lhe é própria, porque assinalam agora as iguarias poéticas, acepipes literários da mais alta qualidade. Os livros assinaladas são os *mais belos*, quer como obra poética que o livro é, quer como objeto. Mais uma vez, se não é novidade poemas latinos apresentarem

condição metapoética, não deixa de ser de todo inaudito o fato de que a indicação dos autores exemplares e das *autorictates* em poesia agora se harmonizem, refinada e saturnalmente, com os melhores manjares, os melhores vinhos e o melhor aparato daquele evento.

Quanto à tradução dos epigramas, todos em dísticos elegíacos, optamos, aqui, por manter o máximo possível de seu estrato semântico, de modo que buscamos tropos, figuras e imagens análogas àquelas em latim. Além disso, procuramos conservar também o mesmo número dos versos dos poemas, o que foi, a um só tempo, uma vantagem e um grande problema tradutório a se enfrentar, uma vez que, se a certa obscuridade de alguns epigramas foi felizmente conservada, entendida aqui como ingrediente compositivo, já que, na condição de poemas-cartões, exigiam ludicamente que o convidado fosse capaz de adivinhar o presente que recebia e, ainda, fruir da agudeza do epigramatista, exigiu também por parte do tradutor grande esforço para sintetizar, no espaço extremamente exíguo do verso em português, grande número de informações. Nesse sentido, o desafio foi justamente conservar a concisão dos epigramas de Marcial em português sem, no entanto, trair o sabor e o espírito epigramáticos, e saturnalícios, deles. Os epigramas não foram traduzidos por versos livres ou brancos, ou mesmo rimados – absolutamente ausentes em latim –, mas metrificados. O hexâmetro datílico, de que é composto o primeiro verso do referido dístico, foi transladado em vernáculo por um verso dodecassilábico; ao passo que o hexâmetro catalético, que forma o pentâmetro (emparelhado ao verso precedente), foi vertido em português por decassílabos, em sua maioria acentuados na sexta e décima sílabas. O leitor verá, porém, alguns pentâmetros vertidos por decassílabos com acento na quarta e oitava sílabas e outros ainda com a quarta e sétima fortes. Nesse sentido, seguimos o esquema métrico de outras traduções contemporâneas de poesia grega e latina – como aquelas elaboradas por João Angelo Oliva Neto para os poemas de Catulo e para os epigramas priapeus gregos e latinos<sup>3</sup>. O referido andamento em português tem a vantagem de manter a diferença de tamanho que há em latim entre o hexâmetro e o pentâmetro, mais curto; ademais, escolher dodecassílabos e decassílabos para verter os dísticos elegíacos de Marcial importa, pois são versos que se relacionam profundamente com a tradição poética luso-brasileira: se empregá-los é, de certo modo, fazer remeter a memória do leitor assíduo de poesia à longa genealogia de poetas em língua portuguesa que fizeram do dodecassílabo, e do decassílabo sobretudo, verdadeira profissão de fé, é também sugerir que os aclimataram pri-

---

3 Ver Oliva Neto (1996); (2006).



meiro às nossas plagas, como que trazendo aos nossos modos o canto forasteiro, da mesma maneira que o fizeram Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio e Marcial: que para o Lácio trouxeram o verso de Calino, Tírteu e Mimnermo. Passemos aos biblioepigramas:

### Texto dos Biblioepigramas do *Apoforeta*, de Marcial:

1) (183) HOMERI BATRACHOMACHIA

Perlege Maeonio cantatas carmine ranas  
et frontem nugis soluere disce meis.

A *Batracomiomaquia* de Homero

Devora as rãs em verso meônio cantadas  
e faz sorrir o cenho às minhas nugas.

2) (184) HOMERUS IN PUGILLARIBUS MEMBRANIS

Ilias et Priami regnis inimicus Vlixes  
multiplici pariter condita pelle latent.

HOMERO EM TABUINHAS DE PERGAMINHO

Ulisses – inimigo de Príamo – e a *Iliada*  
jazem ocultos sob a pele em dobras.

3) (185) VERGILI CULEX

Accipe facundi Culicem, studiose, Maronis,  
ne nucibus positis arma uirumque legas.

O *MOSQUITO*, DE VIRGÍLIO

Eis de Marão facundo O mosquito, doutor!  
Não leias, nozes depostas, as Armas!

4) (186) VERGILIUS IN MEMBRANIS

Quam breuis inmensum cepit membrana Maronem  
ipsius uultus prima tabella gerit.

VIRGÍLIO EM PERGAMINHOS

Marão, o grande, jaz em breve pergaminho,  
que traz na prima página seu rosto.

5) (187) MENANΔPOY ΘAΙΣ

Hac primum iuuenum lasciuos lusit amores;  
nec Glycera pueri, Thais amica fuit.

LA THAÏS DE MÉNANDRE

Brincou, aqui, os jogos lascivos dos jovens;  
Taís foi sua amiga, mas não Glicera.

6) (188) CICERO IN MEMBRANIS

Si comes ista tibi fuerit membrana, putato  
carpere te longas cum Cicerone uias.

CÍCERO EM PERGAMINHOS

Tens um amigo nestes livros. Pensa em ti  
a percorrer veredas mil com Cícero!

7) (189) MONOBYBLOS PROPERTI

Cynthia – facundi carmen iuuenale Properti –  
accepit famam, non minus ipsa dedit.

O *MONOBYBLOS* DE PROPÉRCIO

Cíntia – o jovem poema do agudo Propércio! –  
ganhou fama: não menos fez por ele.

8) (190) TITUS LIVIUS IN MEMBRANIS

Pellibus exiguis artatur Liuius ingens,  
quem mea non totum bibliotheca capit.

TITO LÍVIO EM PERGAMINHOS

Em peles estreitou-se exíguo o enorme Lívio,  
que todo não comporta a biblioteca.

9) (191) SALLUSTIUS

Hic erit, ut perhibent doctorum corda uirorum,  
primus Romana Crispus in historia.

SALÚSTIO

Eis aqui, como contam os corações doutos,  
o primado da História em Roma: Crispo.

10. (192) OVIDI METAMORPHOSIS IN MEMBRANIS Haec tibi multiplici quae structa est massa tabella, carmina Nasonis quinque decemque gerit.	<i>METAMORFOSES DE OVÍDIO EM PERGAMINHOS</i> Eis o maço de folhas reunidas que, múltiplas, reúne os quinze cantos de Nasão.
11) (193) TIBULLUS Ussit amatorem Nemesis lasciuia Tibullum, in tota iuuuit quem nihil esse domo.	TIBULO Nêmesis fez do amante, Tibulo, um braseiro: em casa deleitou-lhe ser um nada.
12) (194) LUCANUS Sunt quidam qui me dicant non esse poetam: sed qui me uendit bybliopola putat.	LUCANO “Não é poeta!”, dizem alguns sobre mim: “é sim!”, diz o livreiro que me vende.
13) (195) CATULLUS Tantum magna suo debet Verona Catullo, quantum parua suo Mantua Vergilio.	CATULO Ao seu Catulo, tanto deve a grã Verona, quanto Mântua, pequena, a seu Virgílio.
14) (196) CALVI DE AQUAE FRIGIDAE USU Haec tibi quae fontes et aquarum nomina dicit, ipsa suas melius charta natabat aquas.	<i>DO USO DA ÁGUA FRIA, DE CALVO</i> Fontes e tipos d’água estão nestes papéis, que agradam só nadando nas tais águas.

O espectro de livros e autores mencionados nos biblioepigramas de *Apoforeta* é importante porque nos informa sobre a recepção de autores e a circulação das obras na época. Marcial nos apresenta em poucos dísticos uma lista de autores já incorporados ao cânone, verdadeiros clássicos no tempo do poeta porque constituíam paradigma de imitação. Apresenta, por outro lado, o elenco de autoridades da eloquência consideradas fundamentais na formação do orador<sup>4</sup>, o que talvez

4 Ver Quintiliano (*Inst.* 10. 46-118), cujo rol de autores coincide com os mencionados nos dísticos dos biblioepigramas de *Apoforeta*: “Portanto, como Arato julga que se deve iniciar por Jove, assim nós acreditamos que devemos começar convenientemente por Homero. Ele, sim, deu nascimento e exemplo a todas as partes da eloquência, assim como o próprio diz que o curso das fontes e dos rios tem início em Oceano. [...] Menandro, como amiúde declara, não só o admirou muito mas também o seguiu, embora em um gênero diferente. Esse talvez seja o único, segundo o meu juízo, que lido diligentemente seja suficiente para efetuar tudo o que preceituamos; assim representou todo o aspecto da vida; tamanha é nele a riqueza da invenção e a capacidade de elocução; assim é apto a todos os assuntos, personagens e afecções. [...] A mesma ordem também deve ser tomada por nós para os autores latinos. E assim como, entre aqueles, Homero deu-nos o mais auspicioso exórdio, assim, entre nós, Vergílio, [pois], sem dúvida, entre todos os poetas desse gênero, gregos e romanos, [ele é] o que mais se aproxima [de Homero]. Usarei pois das mesmas palavras, que eu, jovem, escutei de Domício Africano. Esse, quanto lhe perguntei quem ele julgava que mais se assemelhava a Homero, disse-me: ‘Vergílio é o segundo; todavia, está mais perto do primeiro que do terceiro’. [...] Desafiamos os gregos também no gênero elegíaco cujo o autor que me

seja indicativo de que a suposta liberdade conferida a todos – principalmente a escravos e homens de baixo nascimento – ao longo das Saturnais fosse relativa e que, paradoxalmente, as brincadeiras e os processos típicos de inversão da festa só serviriam para reafirmar o *status quo*, que voltaria, inexoravelmente, a arrebatá-lo ao trono de Saturno ao fim dos festejos. Assim, os poemas, ainda que tivessem como contexto o reinado feliz, temporário embora, de Saturno, tinham, porém, o mundo oficial como horizonte de expectativa, figurado tanto pelos autores exemplares do cânone, hierarquizados segundo as regras – não é à toa que o ciclo comece por Homero –, como pela imitação de estratégias tópicas da tradição poética e discursiva nos poemas. Tais estratégias garantiam, no que tange à recepção, adequação aos critérios do bom gosto poético, o que é índice da presença imanente da hierarquia no palco das Saturnais.

Nesse sentido, a ordenação dos poemas é importante, pois Homero é a autoridade máxima no que se refere à poesia: se o ciclo se inicia com a *Batracomiaquia*, fê-lo assim Marcial somente para justificar de um lado a própria prática

---

parece extremamente elegante e polido é Tibulo. Há os que preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo do que um e outro, assim como Galo é o mais grave. [...] O iambo, sem dúvida, não foi muito praticado pelos romanos como um gênero próprio; ele foi misturado com alguns outros. Encontra-se de novo a sua mordacidade em Catulo, Bibáculo e Horácio, embora [esse último] misture epodos com iampos. [...] Mas a historiografia não foi inferior a dos gregos. Não temerei comparar Salústio com Tucídides, nem se indigne Heródoto por igualar-lhe Tito Lívio, não só por narrações de admirável jucundidade e mais brilhante clareza mas também nos discursos pode-se comentar ser ele mais do que eloquente. [...] Verdadeiramente, os oradores, em particular, podem fazer da eloquência latina igual à grega. Pois eu oporia Cícero, de modo veemente, a qualquer um dos oradores gregos. [...] Encontrei os que preferiram Calvo a todos os outros, encontrei os que acreditavam, com Cícero, que ele perdeu verdadeiro sangue por uma calúnia excessiva contra ele; mas o seu discurso é puro, grave, regular e, amiúde, também veemente.”, *Igitur, ut Aratus ab Ioue incipiendum putat, ita nos rite coepturi ab Homero uidemur. Hic enim, quem ad modum ex Oceano dicit ipse amnium fontiumque cursus initium capere, omnibus eloquentiae partibus exemplum et ortum dedit. [...] Hunc et admiratus maxime est, ut saepe testatur, et secutus, quamquam in opere diuerso, Menander, qui uel unus meo quidem iudicio diligenter lectus ad cuncta quae praecipimus effingenda sufficiat: ita omnem uitae imaginem expressit, tanta in eo inueniendi copia et eloquendi facultas, ita est omnibus rebus personis adfectibus accommodatus. [...] Idem nobis per Romanos quoque auctores ordo ducendus est. Itaque ut apud illos Homerus, sic apud nos Vergilius auspiciatissimum dederit exordium, omnium eius generis poetarum Graecorum nostrorumque haud dubie proximus. Vtar enim uerbis isdem quae ex Afro Domitio iuuenis excepi, qui mihi interroganti quem Homero crederet maxime accedere ‘secundus’ inquit ‘est Vergilius, propior tamen primo quam tertio’. [...] Elegia quoque Graecos prouocamus, cuius mihi tersus atque elegans maxime uidetur auctor Tibullus. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior, sicut durior Gallus. [...] Iambus non sane a Romanis celebratus est ut proprium opus, †quibusdam interpositus†: cuius acerbitas in Catullo, Bibaculo, Horatio (quamquam illi epodos interuenit) reperiatur. [...] At non historia cesserit Graecis. Nec opponere Thucydidi Sallustium uerear, nec indignetur sibi Herodotus aequari Titum Liniuum, cum in narrando mirae incunditatis clarissimique candoris, tum in contionibus supra quam enarrari potest eloquentem [...]. Oratores uero uel praecipue Latinam eloquentiam parem facere Graeciae possunt: nam Ciceronem cuiusque eorum fortiter opposuerim. [...] Inueni qui Caluum praeferrent omnibus, inueni qui Ciceroni crederent eum nimia contra se calumnia uerum sanguinem perdidisse; sed est et sancta et grauis oratio et castigata et frequenter uehemens quoque.* Tradução de Alexandre Agnolon e Alexandre Pinheiro Hasegawa.

como epigramatista (“... faz sorrir o cenho às minhas nugas”) e, de outro, o gênero do epigrama como possibilidade legítima de composição poética, fazendo-o as somar ao mesmo estatuto de gêneros elevados, como a epopeia e a tragédia. Ora, se Homero foi sublime em poemas de caráter elevado, não deixou de transferir a mesma excelência poética às composições baixas, a exemplo da cômica e jocosa *Batracomiomaquia*. Convém lembrar que Aristóteles, na *Poética*, eleva a verve jocosa de Homero, comparando-a à elocução épica, pois o poeta, com o *Margites*, teria traçado as linhas fundamentais da comédia (1448b). Nesse sentido, ao contrário do que fizeram comentadores modernos, o filósofo não toma a baixeza temática e elocutiva das imitações como traço de análoga inferioridade *poética*, no caso do poema, ou *ética*, no caso do poeta<sup>5</sup>. Assim, a recusa dos gêneros elevados que há em alguns epigramas do ciclo – como o poema 3 (*Apoph.* 185), em que o poeta aconselha ler, em vez da *Eneida*, o poemeto *O mosquito*, hoje na *Appendix Vergiliana* –, ou o poema 13 (*Apoph.* 195), cujo elogio da qualidade poética equipara o neotérico Catulo e o sábio Virgílio, ao mesmo tempo que confere *relativamente* adequação retórica dos *Apoforeta* ao caráter, ao significado particular das festas Saturnais, inversivo que seja, não disfarça a indisfarçável e absoluta profissão de fé poética no epigrama, que logra angariar ainda mais louvor ao poeta que os compôs. Além disso é necessário notar ainda que os epigramas do ciclo ultrapassam o escopo descritivo. É verdade que a brevíssima descrição beira amiúde o enigma, fato que, se é devido à extrema concisão e à provável imitação da própria espécie “enigma<sup>6</sup>” da epigramática helenística, não deixa de adequar-se a um elemento inerente à festa – a troca de presentes –, em que o conviva com argúcia deve adivinhar qual é o mimo que recebeu<sup>7</sup>. Entretanto, é igualmente verdadeiro que a

5 Ver Else (1957) pp. 136-137; Oliva Neto (2007).

6 Trata-se dos *gríphoi* (γρίφοι), livro XIV da *Antologia Palatina*.

7 Talvez seja isso a que se refere Suetônio na vida de Augusto (§ 75): “Augusto celebrava as festividades e dias solenes profusamente – por vezes só como divertimento. Nas Saturnais, ou quando lhe aprouvesse, distribuía presentes: ora vestes, ouro e prata; ora moedas de toda cunhagem, até dos reis antigos e estrangeiros; às vezes, ofertava nada além de roupas de tecido grosseiro, esponjas, espátulas, pinças e outras lembranças, **daquelas acompanhadas de inscrições obscuras e de caráter ambíguo**. Ele costumava pôr a venda, no banquete, não somente toda a sorte de coisas das mais dessemelhantes, mas também pinturas invertidas, e frustrar ou satisfazer, pela incerteza do acaso, a esperança dos compradores, de modo que se fizesse o leilão em cada um dos leitos e se comunicasse, assim, o prejuízo ou o lucro”. *Festis et sollemnes dies profusissime, nonnumquam tantum ioculariter celebrabat. Saturnalibus, et si quando alias libuisset, modo munera diuidebat, uestem et aurum et argentum, modo nummos omnis notae, etiam ueteres regios ac peregrinos, interdum nihil praeter cilicia et spongas et rutabula et forpices atque alia id genus titulis obscuris et ambiguis. Solebat et inaequalissimarum rerum sortes et auersas tabularum picturas in conuiuium uenditare incertoque casu spem mercantium uel frustrari uel explere, ita ut per singulos lectos licitatio fieret et seu iactura seu lucrum communicaretur*. Tradução nossa, grifos nossos.



referida descrição revela, como já dissemos, gosto e elegância, condizentes com o juízo crítico a respeito de obra poética cuja elocução, em vez de elevada e grave, como em Homero e Virgílio, é leve e graciosa. Ora, no poema 7 (*Apoph.* 189), o poeta descreve *Cíntia*, o livro de elegias de Propércio<sup>8</sup>, mas a graça reside de fato na ambiguidade da palavra “Cíntia” e no juízo crítico-poético: a palavra “Cíntia” designa o livro de Propércio e evidentemente a amada do poeta. *Cíntia* o livro e, por conseguinte, a menina, ganharam fama, mas com a fama do livro, a menina Cíntia pôde compensar o poeta por todos os sofrimentos por que o fez passar, transformando-o, então, em poeta imortal: a palma é, pois, a paga do poeta. No poema 12 (*Apoph.* 194) Marcial assume discurso crítico, bem entendido, do poeta-filólogo helenístico e discute a *Farsália*, de Lucano (já tratada, aliás, por Quintiliano nas *Instituições oratórias*<sup>9</sup>) e questiona se Lucano fora mais historiógrafo ou poeta: como se lê no epigrama, Marcial, na voz do próprio Lucano, mostra-se conhecedor do debate em torno da *Farsália* e insere o autor no número dos poetas. O verdadeiro “jogo de espelhos” proposto pelo epigramatista – que beira a ironia, já que na ficção do epigrama é Lucano que se eleva a si mesmo ao estatuto de poeta! –, antes de oferecer um veredicto à questão, só faz perpetuar a dúvida: Lucano é poeta? Orador? Lucano é o que quiser o livreiro? Ou o que quiser Marcial, que faz falar Lucano com voz epigramática? Tudo isso significa que a questão continue *sub iudice*.

Nos epigramas do ciclo, além de crítico, conhecedor de poesia e dos autores paradigmáticos, Marcial revela ainda traços de verdadeiro bibliófilo. Ou seja, o poeta parece conceber o livro como obra de arte, como se a excelência poética das autoridades que refere só pudessem ser dignas do nome, se esta mesma excelência pudesse ganhar corpo na materialidade do livro, se o livro, enfim, como suporte da excelência poética, reproduzisse metonimicamente na própria materialidade, a excelência dos poemas que contém. Já disse aqui que a ordenação dos poemas importava para a apreensão total da obra do poeta; por isso, não me parece coincidência que o ciclo de epigramas precedente aos biblioepigramas seja consagrado a obras de arte, estátuas e estatuetas que incorporam em si, independentemente do material, valores da poética helenística associados à delicadeza e ao refinamento.

---

8 Ver Martins (2009), p. 35: “[...] Pode-se, também, dizer que há um outro ponto de contato entre o poeta de Cólifon e o da Úmbria [*a saber: Propércio*], aquele nomeia seu livro de elegias ‘Nanno’, como gostam os biografistas: sua ‘amada’. Ter-se-ia, assim, um análogo distante temporariamente e próximo semanticamente: o livro de ‘Cíntia’”.

9 Ver Quintiliano (*Inst.* 1. 10. 90): “Lucano é ardente, impetuoso, o mais claro nas máximas e, como direi o que penso, mais para ser imitado pelos oradores do que pelos poetas.”, *Lucanus ardens et concitatus et sententiis clarissimus et, ut dicam quod sentio, magis oratoribus quam poetis imitandus*. Tradução de Alexandre Agnolon e Alexandre Pinheiro Hasegawa.

Assim, se o pergaminho, breve, que contém os grandes Homero, Tito Lívio, Virgílio e Ovídio, pode figurar, em parte, o prisma helenístico e epigramático com que o poeta julga e incorpora essas mesmas obras, é forçoso supor que as referências aos materiais das edições nos epigramas do ciclo dizem respeito à bibliofilia: Virgílio, Cícero, Ovídio, Tito Lívio ganham belas edições em pergaminho – ilustradas até, como é o caso do *uolumen* de Virgílio no poema 4 (*Apoph.* 186), que tem a efígie do poeta mantuano estampada logo na primeira página.

A preocupação com os materiais com que são manufaturadas as edições – papiro ou pergaminho – não é só traço responsável por explicitar certo caráter descritivo dos epigramas, visto que expõe a materialidade do livro já incorporada, desde a época helenística, ao processo de composição poética, mas também nos lembra de que se tratam de presentes, mimos que devem antes de tudo seduzir os olhos por causa da bela encadernação dos códices, cumprindo, pois, a dimensão lúdica e festiva da troca de presentes, elemento fundamental das Saturnais. Nesse sentido, Marcial não só faz sobressair o estatuto do livro como artigo desejado nos banquetes, o que já ocorria, sobretudo nas Saturnais<sup>10</sup>, mas converte a poesia em objeto de arte. A engenhosidade dos epigramas que vertemos aqui talvez resida justamente no modo como o poeta transmuta o epigrama em dispositivo capaz de figurar, no requinte das encarnações, o refinamento dos escritos. Por tudo isso, e talvez os biblioepigramas sejam oportuna amostra, julgamos que Marcial se torna, com os livros *Xênia* e *Apoforeta*, inventor, *auctor* de nova espécie epigramática – que se poderia denominar “saturnalícia” – que não só versava acerca da troca de presentes, mediante douradas e graciosas observações, mas também tinha a ambiência festiva, positiva e sempre exuberante das Saturnais como sua situação de performance, de sorte que os epigramas saturnalícios poderiam, eles mesmos, se converter no próprio presente e objeto de desejo dos convivas da festa<sup>11</sup>.

## Referências

AGNOLON, A. *A Festa de Saturno: o Xênia e o Apoforeta de Marcial*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

---

10 Ver Catulo, *Carm.* 14.

11 Em vários momentos, Marcial faz alusão a coletâneas de epigramas que poderiam – e deviam, aliás – ser ofertadas como presentes ao longo das Saturnais, ver Marcial, *Epig.* 5. 30; 10, 18; e *Xen.* 3.

ANTOLOGIA GREGA, with an english translation by W. R. Paton in five volumes; Cambridge: Harvard University Press/ London: William Heinemann, vol. I-II and V, 1960; vol. III, 1958; vol. IV, 1956.

ARISTÓTELES. *Poética*, tradução, comentário e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973, coleção “Os Pensadores”.

ELSE, Gerald F. *Aristotle's Poetics, the Argument*. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

FRAZER, Sir James George. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1982.

GUASTELLA, Gianni. “Saturn, Lord of The Golden Age”. In: Ciavolella, Massimo; Iannucci, Amilcare A. (org.). *Saturn: from Antiquity to the Renaissance*. (University of Toronto Italian Studies 8). Ottawa, Canada: Dovehouse Editions Inc., 1992.

MACROBIO. *Saturnalia*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1963.

MARTIALIS, M. Valerii. *Epigrammata*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay. Editio Altera, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, Oxonii e typographeo Clarendoniano, Oxford University Press, 1987.

MARTINS, P. *Elegia Romana, Construção e Efeito*, prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo: Humanitas, 2009.

OLIVA NETO, J. A. *O Livro de Catulo*, tradução, Introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. “*Falo no Jardim: Priapéia, Grega, Priapéia Latina*, tradução do grego e do latim, ensaios introdutórios, notas, iconografias e índices João Angelo Oliva Neto. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. “Bibliotextos: o Livro e Suas Imagens na Antiguidade”. In: Martins, Paulo; Cairus, Henrique F.; Oliva Neto, João Angelo (org.). *Algumas Visões da Antiguidade*, vol. 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. pp. 177-187. Coleção Estudos Clássicos.

\_\_\_\_\_. “Riso Invectivo X Riso Anódino e as Espécies de Iambo, Comédia e Sátira”. In: *Letras Clássicas*, 7, 2007. pp. 77-98.

QUINTILIAN, *Institutio Oratoria*, with an English translation by H. E. Butler. Cambridge, MA: Harvard University Press/ London: William Heinemann, books X-XII, 1998.

SUETONIUS. *The Lives of the Caesars*, vol. 1-2, with an English translation by J. C. Rolfe. London: W. Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.